



**II CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## **LEITURA, LITERATURA E LETRAMENTO LITERÁRIO NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Autor: Me. Alessandro Alencar de Moura

*Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: profalemoura@hotmail.com*

Orientadora: Prof. Dr.<sup>a</sup> Daise Lilian Fonseca Dias

*Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: daiselilian.fd@gmail.com*

Coautora: M.<sup>a</sup> Luciana Barreto de Araújo

*Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: lucianabaraujo@bol.com.br*

Coautora: Esp. Veridiane Rosa da Silva

*Universidade Vale do Acaraú. E-mail: veridianerosa32@zipmail.com.br*

### **Resumo**

Este artigo se constitui como uma pesquisa social, de cunho bibliográfico, a despeito dos conceitos de leitura, literatura e letramento literário no que concerne ao cotidiano escolar do ensino fundamental. Objetivando realizar uma análise teórico-reflexiva sobre os conceitos citados, buscou-se entrever como a escola brasileira, especificamente a escola pública, pode encarar os mesmos dentro da prática metodológica dos professores. A partir das leituras realizadas, a importância da presença da leitura literária tornou-se clara desde os primeiros anos escolares, em busca de desenvolver a leitura e o letramento, propriamente dito. Diante das insuficiências apontadas por diversas avaliações, principalmente avaliações institucionais a nível nacional e internacional, a escola pública brasileira e os docentes – especialmente os do ensino fundamental – necessitam de um embasamento teórico consistente para consubstanciar sua prática. Para tanto, foram explorados alguns autores, tais como Cosson (2012), Terra (2014), Orlandi (2012), Soares (2006), entre outros, a fim de embasar a discussão e análise da problemática abordada: as dificuldades de implementação da leitura literária no ensino fundamental.

Palavras-chaves: leitura, literatura, letramento literário, ensino fundamental.

### **Introdução**

É notória a presença da leitura em variados campos da vida humana atual e, como não seria diferente, na sala de aula a "necessidade de se saber ler" também se faz presente. Entretanto, quase sempre a leitura é pouco trabalhada ou simplesmente não é aproveitada com todo o potencial didático que pode ofertar, principalmente a leitura de textos literários. Em muitos casos, a escola não dispõe de acervo literário suficiente ou local adequado à leitura,



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

notadamente em escolas públicas, onde a maior parte da população brasileira estuda. Em outros casos, há circunstâncias onde o professor não dispõe de formação adequada e/ou de tempo suficiente para implementar propostas de leitura em sua prática diária. De qualquer forma, a leitura (literária ou não) continua sendo de fundamental importância, embora negligenciada.

A este respeito, não se pode esquecer de destacar alguns pontos fundamentais. Segundo o PISA (Programa Internacional de Avaliação de Alunos), da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que busca medir o conhecimento e a habilidade em leitura, matemática e ciências dos estudantes com 15 anos de idade, o Brasil ocupa o 55º lugar numa lista de ranking de leitura que contém 65 países<sup>1</sup>. Ainda segundo o PISA, realizado nos anos 2000, 2003, 2006, 2009 e 2012, os estudantes brasileiros apresentaram um declínio no desempenho de leitura, comparando os resultados de 2009 e 2012. Esta situação é um reflexo, também, das salas de aulas, especificamente as de ensino fundamental público, onde as práticas de leitura ainda se configuram de maneira precária. Sendo assim, por ofertarem obrigatoriamente e por força de lei (LDB, lei 9.394/96, Artigo 11º, inciso V), o ensino fundamental público à população, as escolas públicas municipais passam a ser, então, o lócus inicial deste texto no que concerne à leitura, abordando-se em específico a leitura do texto literário e suas respectivas práticas.

Pensando na dificuldade que boa parte dos alunos da escola pública apresenta no quesito leitura, pode-se perguntar se existem maneiras de o texto literário ajudar a transpor as barreiras que dificultam a compreensão leitora por parte desses alunos. Há formas de se realizar uma leitura "lúdica" na sala de aula? A resposta será positiva. Na verdade, há muitas e variadas maneiras de se trabalhar o texto literário de forma lúdica. Entretanto, a resposta, simples e única, não é suficiente para solucionar os empecilhos reais que são encontrados nas salas de aula. O problema é como aplicar essa fórmula na prática cotidiana dos alunos, com dificuldades de leitura reais e com déficits de aprendizagem muitas vezes alarmantes para a série que cursam. Como fazer isso, eis a pergunta chave. Refletir sobre os conceitos de leitura, literatura, letramento literário, bem como perscrutar as dificuldades de implementação da

---

<sup>1</sup> Fonte: <<http://www.portal.inep.gov.br/internacional-novo-pisa-resultados>>. Acesso em 30 jun. 2014.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

leitura literária em sala de aula, especificamente no ensino fundamental, constitui-se como foco primordial deste artigo.

Deve-se considerar que o texto literário é visto, aqui, dentre outras tantas perspectivas, como fonte de incentivo prático para desenvolver a capacidade leitora dos alunos. Sabe-se da precariedade de práticas de leitura literária/letramento literário na escola, sobretudo no ensino fundamental público brasileiro. Partindo-se dessa realidade, buscou-se entrever uma reflexão sobre a inserção da leitura literária na sala de aula imbuída de um caráter útil, prático e eficaz.

### **Metodologia**

Para Bortoni-Ricardo (2008), a pesquisa em sala de aula se insere no campo da pesquisa social, isto quer dizer que esse tipo de pesquisa dedica-se a sugerir uma resolução para determinado problema, sendo que tal solução deve ser útil à sociedade como um todo. Baseando-se nesta perspectiva, este arquivo constitui-se como uma pesquisa bibliográfica aliada a uma reflexão da prática docente de professores do ensino fundamental que trabalham língua portuguesa / leitura / leitura literária. A classificação “bibliográfica” deve-se, sobretudo, ao fato de ter sido necessário um levantamento de dados teóricos concernente ao tema para a construção deste texto.

Baseando-se, ainda, em Bortoni-Ricardo (2008), pode-se igualmente afirmar que este artigo configura-se como uma pesquisa social, pois se preocupa com uma temática social: como implementar a leitura literária em sala de aula. Portanto um tema / problema coletivo. Por outro lado, o atual texto também buscou, através das leituras realizadas, um aprofundamento teórico sobre os conceitos de leitura, literatura e letramento literário e suas implicações relacionadas ao ensino fundamental.

Entender bem os conceitos de leitura, literatura, letramento literário, bem como ter conhecimento da importância da leitura literária é algo imprescindível ao professor. Somente embasado teoricamente, o mestre será capaz de implementar atividades práticas úteis à problemática estudada. Refletindo sobre a própria prática, o professor assumirá, como diz



# II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Bortoni-Ricardo (2008), a postura de um pesquisador. Não se limitará a ser um simples usuário, mas produtor de conhecimento.

O tema escolhido, a leitura literária, nasceu da própria experiência docente do autor deste trabalho e da observação das técnicas utilizadas pelos professores no que diz respeito às práticas de leitura realizadas em sala de aula. A problemática (as dificuldades de implementação da leitura literária no cotidiano escolar) é recorrente. Sabe-se que a leitura é uma ferramenta capaz de ampliar o conhecimento do aluno, o questionamento que se faz é, portanto, perceber quais métodos e conteúdos facilitam o desenvolvimento da leitura no processo de ensino-aprendizagem.

## Resultados e discussão

De acordo com os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCNs, Fundamental II, 1998, p. 71), documento oficial que rege a matéria em questão nas escolas públicas brasileiras, a prática de leitura – no caso, a literária – é uma atividade importante para a formação cultural e social do aluno:

Trata-se de uma educação literária, não com uma finalidade de desenvolver uma historiografia, mas de desenvolver propostas que relacionem a recepção e a criação literária às formas culturais da sociedade. Para ampliar os modos de ler, o trabalho com a literatura deve permitir que progressivamente ocorra a passagem gradual da leitura esporádica de títulos de um determinado gênero, época, autor para a leitura mais extensiva [...].

Como se pode entrever na citação, leitura e literatura são conceitos bem próximos no que diz respeito ao letramento literário em sala de aula. Isto quer dizer que o texto literário pode/deve servir como base para se propor atividades de leitura capazes de desenvolver nos alunos as competências básicas de leitura em geral, de letramento não somente ligado ao literário. Além disso, atividades ligadas ao desenvolvimento da compreensão, interpretação, inferência textual, entre outras, devem fazer parte dos trabalhos diários.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Contudo, antes mesmo de chegar à escola, no ensino fundamental, e realizar o primeiro contato com os gêneros textuais, o ser humano já tem a capacidade de fazer inúmeras “leituras”. Ele já usa da língua, enquanto código para se comunicar, se expressar e entrar em contato com o mundo. Essa leitura inicial não está atrelada diretamente aos conhecimentos institucionais, ao texto escrito, por exemplo, e sim às práticas de uso da língua. Dessa forma, pode-se dizer que antes da leitura literária, a leitura em si já está desenvolvida e implantada no/pelo aluno: ele já lê qualquer coisa (imagens, expressões faciais, gestos, cores, etc), antes mesmo de conhecer as leituras literárias. Cabe à escola ampliar essa capacidade leitora, usando de práticas variadas e institucionalizadas pela organização escolar. Em outras palavras, o aluno vai ampliar o letramento que já possui. Eis a importância de metodologias eficazes no ensino fundamental: é nesse período escolar que a maioria dos alunos será apresentada à leitura, propriamente dita. A leitura escolar institucionalizada, literária ou não, deve ser, por sua vez, internalizada pelo aluno não somente nas práticas escolares, como também nas demais situações de vida, evoluindo para práticas de letramento.

A partir do exposto, pode-se indagar se a escola pública brasileira está realmente formando leitores, desenvolvendo a capacidade leitora dos alunos. A escola brasileira ao que parece, lamentavelmente, comete ainda um equívoco: forma leitores que mais decodificam do que realmente interpretam aquilo que leem. Sugere-se, portanto, que as práticas de leitura sejam traçadas e planejadas além da decodificação, pois a leitura é, dentre outras definições, uma prática social, uma resposta às necessidades do aluno, seja em sala, seja na vida fora da escola. É uma atividade de letramento. Parte-se daqui para um conceito inicial do que não é leitura: não é a simples decodificação. Ademais, conceber a leitura apenas como decodificação é simplório e não constrói um leitor proficiente. Na mesma medida em que também não se constrói a consciência leitora que vai da palavra para o mundo e vice-versa, conforme já disse Paulo Freire (2011).

Segundo Magnani (2001), para ser um leitor são necessários alguns requisitos, tais como: ser alfabetizado, ter tempo para realizar as leituras, possuir dinheiro para comprar livros ou ter acesso a uma biblioteca, desde que esta possua um acervo rico e interessante, que



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

consiga despertar o gosto pela leitura. Parece óbvio - embora alguém que não tenha tal perfil pode também ser um leitor - mas o saber ler é muito mais complexo do que se possa inicialmente imaginar. Trata-se de um processo formativo da linguagem, segundo Cosson (2012). A leitura, aliás, vem sendo abordada de variadas formas, sob perspectivas diferentes ao longo dos tempos. A esse respeito, Martins (2012) define que essas perspectivas ou focam a leitura como decodificação mecânica de signos linguísticos ou como um processo de compreensão amplo, envolvendo, inclusive, aspectos extralinguísticos como os fatores emocionais, por exemplo. Embora a segunda abordagem não exclua a primeira, aquela necessita desta. Grosso modo, como se percebe, existem esses dois blocos classificativos, que, de certa forma, resumem as diferentes concepções sobre o que vem a ser leitura. Porém, essas visões, individualmente, aparentam ser incompletas ou parciais, pois as concepções necessitam umas das outras. O fato deve-se às inúmeras concepções do fenômeno da leitura.

Conforme se percebe em Orlandi (2012), a própria palavra “leitura” pode apresentar variados significados, portanto variadas leituras. O termo, visto em sua concepção ampla, pode significar uma atribuição de sentidos em relação ao objeto lido. Nesse âmbito, a leitura não se limita à escrita, pois se procede à leitura de uma imagem, de um gesto ou de uma escultura. Ainda segundo a autora, leitura pode significar concepção, forma de pensar e até mesmo se referir à prática de alfabetização nas séries iniciais, onde o aluno aprende a “ler” e escrever. Dessa maneira, segundo Martins (1982, p. 33), pode-se dizer que “[...] a leitura se realiza a partir do *diálogo* do leitor com o objeto lido – seja escrito, sonoro, seja um gesto, uma imagem, um acontecimento”. Ler é, acima de tudo, compreender o que se está lendo e para se chegar a essa leitura é necessário certo nível de contato com a própria leitura. Pensando-se assim, a leitura como compreensão ampla, este artigo trata o ato de ler como um ato de compreensão, um processo cognitivo-dialógico. É sob essa perspectiva que a leitura é aqui trabalhada.

Da mesma forma das concepções sobre leitura, o conceito de literatura vem sendo modificado/ampliado através dos tempos. A partir de análises e estudos, bem como através de mudanças nas formas de compreensão, o termo “literatura” vem assumindo enfoques diferenciados:



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

1. De uma compreensão da literatura como *corpus*, restrita aos textos legítimos, a uma concepção extensiva da literatura. 2. De uma concepção da literatura como *corpus* a uma concepção da literatura como prática, como atividade: o interesse se desloca para o campo literário, para os processos de produção e de recepção das obras e para os diversos agentes desse campo (escritor, edição, crítica, leitores, escola). 3. De uma concepção autotética da literatura (como conjunto de textos de finalidade estética) a uma concepção transitiva da literatura como ato de comunicação: há um interesse pelo conteúdo existencial das obras, pelos valores éticos e estéticos de que são portadoras (ROUXEL, 2013, p. 18; grifos da autora).

Literatura, assim, é um corpus de obras, mas também é o conjunto de atores envolvidos no fazer literário e, acima de tudo, vem a ser um conjunto de valores artístico-estéticos que propõe uma abertura a outros campos do humano, como a ética, a moral, etc.

A definição do termo “literatura” é vasta e apresenta, dependendo do enfoque abordado, certas especificidades. Essas especificidades estão ligadas às diferentes manifestações artísticas que se encontram sob o campo do literário, que vão desde o tradicional texto escrito até a literatura de tradição oral. Aliás, a primeira especificidade do conceito de literatura a ser destacada, segundo Terra (2014, p. 17-18; grifos do autor), é que ela não está ligada somente aos textos escritos:

A palavra *literatura* provém de *littera*, que significa letra, o que revela que historicamente sempre se associou a literatura à representação por escrito do signo verbal, como se literatura fosse uma manifestação artística que se dá exclusivamente na forma escrita. Se o critério para definir o literário tiver como fundamento o registro por letras, os poemas homéricos *Iliada* e *Odisseia* não poderiam ser considerados literários, pois circularam antes de serem compilados por escrito.

Observa-se que mesmo as obras canônicas citadas acima possuem certa gênese na tradição oral. O fato indica que esta tradição também deve ser levada em conta quando se pensa no



conceito de literatura, pois as produções da tradição cultural oral também fazem parte, de certa forma, do conjunto literário e cultural do povo ao qual a literatura está ligada.

A despeito da compreensão das manifestações literárias, pode-se dizer que através do texto, mesmo o literário, começa a surgir uma forma de conhecimento ímpar da vida. Encarar a literatura, dessa forma, propicia uma abordagem de conhecimento múltipla, crítica e prática, tal como se pode ver em Cosson (2012, p. 17):

Na leitura e na escrita do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade.

O terceiro conceito primordial a este texto é o de letramento literário. O termo letramento, entre leitura e literatura, é o mais recente. Proveniente da segunda metade da década de 1980, apresenta suas primeiras ocorrências oficiais nessa década. Para Soares (2006), quem o utilizou inicialmente foi Mary Kato (na obra *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*, de 1986). Em seguida apareceu nos estudos de Leda Verdiani Tfouni, na obra *Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso* (1988). Hoje é termo recorrente, como nos textos de Ângela Kleiman (1989; 1993; 2013), de Rildo Cosson (2012), entre outros. Sobre tal conceito, Soares (2006, p. 18; grifos da autora) assim escreve:

É esse, pois, o sentido que tem **letramento**, palavra que criamos traduzindo “ao pé da letra” o inglês *literacy*: **letra-** do latim *littera*, e o sufixo **-mento**, que denota o resultado de uma ação (como, por exemplo, em *ferimento*, resultado da ação de *ferir*). **Letramento** é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Na perspectiva aqui adotada, o letramento é a apropriação funcional da língua em sentido amplo. Um indivíduo letrado é aquele capaz de interagir em sociedade, usando da língua (falada, escrita, visual, gestual, etc) de forma adequada, eficaz e prática. É o indivíduo agindo e interagindo em sua comunidade linguística, nas necessidades que lhes são impostas nos variados campos da vida em sociedade: na escola, no trabalho, nos momentos de lazer, assistindo a um debate, etc. Por sua vez, o letramento literário está ligado diretamente à apropriação dos conhecimentos advindos da obra literária, seja essa obra canônica, popular, escrita, oral, adaptação em suportes vários (cinema, teatro...), etc.

As obras literárias são textos, mas são, antes de qualquer coisa, manifestações artísticas corporizadas através da linguagem. Sendo assim, o letramento literário está atrelado à leitura (usando o termo em compreensão ampla) dessas obras feitas linguagem. Pode-se afirmar, igualmente, que o letramento literário é a ampliação de horizontes de mundo provocado pela leitura literária. Quanto a isso, Cosson (2012, p. 27) enfatiza que o leitor considerado bom é aquele que faz negociações de sentido entre sua leitura e o texto, “compreendendo que a leitura é um concerto de muitas vozes e nunca um monólogo. Por isso, o ato físico de ler pode até ser solitário, mas nunca deixa de ser solidário”.

Para Cosson (2012), o agenciamento dos sentidos do mundo através dos textos efetua-se quando os leitores se encontram capacitados para a leitura. Isto quer dizer que para dar sentido ao objeto lido, o leitor deve encarar a literatura como fonte de conhecimento e não apenas como fonte de diversão, fruição. Reconhecer o potencial de letramento presente na literatura é concebê-la muito além de um simples passatempo. Ela também pode ser sinônimo de diversão, porém um bom leitor é aquele que não se limita a apenas esse aspecto do literário. Formar esses “bons leitores”, é/deveria ser, assim, a preocupação inicial da educação básica, principalmente nas primeiras séries do ensino fundamental.

### **Conclusão**

Considerando-se as questões anteriormente levantadas, as implicações teóricas e práticas da leitura (literária) devem fazer parte da rotina docente, principalmente da rotina dos



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

professores de língua portuguesa do ensino fundamental, pois são estes os primeiros atores responsáveis pelo desenvolvimento da leitura na escola. Mas essa escola e os demais professores não estão excluídos desse processo. O Brasil e suas instituições escolares ainda apresentam inúmeras carências, principalmente no que concerne às práticas de leitura literária nas escolas públicas. As avaliações institucionais, tanto nacionais, como internacionais, comprovam que o país ainda tem muito a aprender e, principalmente, muito a colocar em prática para melhorar o quesito leitura. No caso específico da leitura literária, a situação não é diferente. Há tempos a leitura, de forma geral, carece de ser melhor trabalhada na escola. Por sorte, o panorama educacional nacional e as reflexões sobre o assunto vêm abrindo novos horizontes.

A leitura literária é algo primordial no processo de ensino-aprendizagem dos alunos, pois propicia o aguçamento da imaginação, aumenta as perspectivas de compreensão de mundo, desenvolve o ritmo cognitivo, auxilia no acúmulo de saberes (canônicos ou não), etc. O docente que trabalha bem a literatura, certamente terá no texto, e na leitura deste, o instrumental primeiro de sua metodologia. Colocar o texto literário no centro do processo didático com a literatura pressupõe conhecimento de causa do docente em assumir os riscos que o próprio texto literário impõe. Não obstante, somente com a leitura literária, com sua presença maciça em sala, as aulas de literatura poderão chegar ao letramento (através do literário). Atividades outras, como representações das obras lidas em suportes diversos (peças, jograis, etc), só fazem sentido quando realizada a leitura literária, quando a obra está ali, disponível para os alunos, antes de qualquer coisa. Ler por ler, por conhecer, por sentir prazer, por degustar-se com a leitura. É dessa forma que se deve pensar a leitura literária na escola, para que ela venha a ter possibilidades de ser assim percebida na vida pós-escolar do aluno.

Por fim, destaca-se que o devir literário é infindo, os conhecimentos provenientes da literatura também. Mesmo um mundo à parte, o literário representa e/ou confronta-se com o real mundo que é visto pelos alunos; a escola e o professor, agentes do processo educacional, não podem privar tais alunos desse mundo tão impressionantemente rico, chamado leitura literária. Afinal, como sabiamente lembra Antônio Cândido (1995, p. 174), a literatura, no sentido amplo de criação poética, ficcional ou dramática é uma manifestação típica do



# II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

homem, independente dos tempos. Assim, “não há povo e não há homem que possa viver sem ela [...]”.

## Referências

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

CÂNDIDO, Antônio. “O direito à Literatura”. In: **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 2011.

<http://www.portal.inep.gov.br/internacional-novo-pisa-resultados>. Acesso em 30 jun. 2014.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. Campinas/SP: Pontes Editores, 2013.

\_\_\_\_\_. **Leitura, ensino e pesquisa**. Campinas/SP: Pontes, 1989.

\_\_\_\_\_. **Oficina de leitura**. Campinas/SP: Pontes, 1993.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. **Leitura, literatura e escola**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

Ministério da Educação (BR). Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. (Ensino de primeira à quarta série, 1º e 2º ciclos do ensino fundamental I). Brasília: MEC/SEF, 1997.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa.** (Ensino de quinta a oitava séries, 3º e 4º ciclos do ensino fundamental II). Brasília: MEC/SEF, 1998.

\_\_\_\_\_. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nº 9394/96.** Brasília: MEC/SEF, 1996.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura.** São Paulo: Cortez, 2012.

ROUXEL, Annie. Aspectos metodológicos do ensino da literatura. Trad. Neide Luzia de Rezende. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita; (orgs.). **Leitura de literatura na escola.** São Paulo: Parábola, 2013.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

TERRA, Ernani. **Leitura do texto literário.** São Paulo: Contexto, 2014.